

Apresentação

Este trabalho é o resultado do encontro de duas pessoas que vivem, boa parte de suas vidas, dedicando-se à causa animal.

A partir de algumas de suas experiências, resolveram mostrar a outras pessoas que se pode fazer a diferença nesse mundo tão repleto de abandono, violência e maldade.

Este livro traz narrações em primeira pessoa, na voz de animais domésticos que, às vezes, contam histórias divertidas e inusitadas; em outras, fazem denúncias, apelos e, em algumas ocasiões, trazem orientações de cuidados que se devem ter com esses seres tão especiais.

Os fatos são todos verdadeiros, claro que, parte foi criada pelas autoras, pois não seria possível saber o que, realmente, aconteceu com cada personagem das histórias antes de terem tido contato com elas. Há, ainda, um trabalho literário que atribui a cada texto fantasia, beleza e, por vezes, poesia.

Um de nossos objetivos é entreter o público leitor, mas o principal deles é emocionar e sensibilizar a todos, intensificando ou despertando o interesse, o respeito e o amor pelos animais de modo geral.

Dedicatória

Este trabalho é dedicado a todos os protetores, médicos veterinários, àqueles que cuidam de animais abandonados, padrinhos e

madrinhas que colaboram com o bem estar de cães, gatos e animais em geral, àqueles que lutam e defendem a causa animal, àqueles que amam seus bichinhos de estimação e fazem deles parte de suas famílias.

Prefácio

Quando fui convidado pelas autoras para escrever este prefácio, fiquei meio aflito. Afinal de contas, nunca havia feito isto antes e senti o peso da responsabilidade.

Mas a aflição logo passou, pois o livro é sobre o trabalho de proteção animal o que tem sido minha atividade quase exclusiva nos últimos anos, como coordenador do Projeto Focinhos Gelados.

Falar das autoras é bem confortável.

Maria José Vidal, a Zezé, é protetora independente há tempos. Ela é mais uma das guerreiras que formam fileiras no verdadeiro

"exército do bem" que é a proteção animal independente. Dizemos independente, pois não é ligada a nenhuma ONG, mas que, somada a outras tantas protetoras, fazem toda a diferença na vida de animais descartados pela sociedade. Sem ajuda do poder público, sem ajuda financeira direta, busca recursos de maneiras criativas como bingos, rifas, venda de produtos, enfim, até com parte de seus salários. Sua força, determinação e esforços para salvar animais que passam por seu caminho, transformaram sua filha Mariana em outra protetora. "Criança vê, criança faz" é uma das máximas da educação humanitária, claramente comprovada aqui nesta família.

A outra autora, Ana Lúcia F. Oliveira Meira, é veterinária de formação e possui uma clínica em Santo André, a Petland, onde atende muitos animais que chegam pelas mãos de protetoras, ou encaminhados por ONGs da região, além dos clientes habituais. Ana Lúcia tem de ser lembrada, com certa frequência, de que não pode trabalhar sempre "de graça". Mas, com seu jeitinho de menina em um corpão de mulher de quase 2 metros, consegue nos convencer de que o preço cobrado foi justo, e de que não teve prejuízo. E é raro ouvir " não, hoje eu não posso", de Ana e, por isso mesmo, os mais próximos procuram evitar sobrecarregá-la das atividades de proteção animal. Tarefa difícil, diga-se de passagem, pois costumamos ouvir

dela: "Eu li que vai ter campanha de vacinação na Escola Xis, por que não me avisou? Quero trabalhar, hein?", e assim por diante. Casada com, o também veterinário, Rodrigo, formam uma dupla de respeito na competência técnica e na inabalável dedicação aos animais.

Unidas, estas mulheres e protetoras resolveram escrever este livro. Traduziram em linguagem direta e simples esse cenário conturbado, trabalhoso e, extremamente, gratificante da proteção aos animais e, por que não, por vezes doloroso quando surgem as perdas inevitáveis e que estão no caminho. Colocam situações de resgates e recuperação dando voz a seus protegidos, procurando traduzir o que cada um sentiu e viveu em seu intervalo de tempo com as duas.

E é aqui que este diferencial faz a diferença. Não espere relatos humanizados em demasia, nem pieguice exagerada. Simplesmente, é a tradução do que nós, protetores, achamos que um animal pensa e sente.

Você vai torcer pelo episódio do "Pega ladrão!", contado pela dupla Dido e Flamel, querendo saber logo como vai acabar a aventura. Vai rir com o safado do Dido e a criação do PCC - Primeiro Comando Canino.

Mas, também vai procurar o lenço lendo a história do "galinha" Lord, do gato Sky fruto

de criadores comerciantes de animais e das sequelas da má alimentação. E também com a história de Skypper, aqui um fox paulistinha que viveu 16 anos, não muito diferente do filme "Meu amigo Skip" - um jack russel terrier adorável.

E o mais importante: não é ficção. São relatos de um trabalho sério, apaixonado e apaixonante, com as várias nuances que se apresentam no decorrer das atividades.

Que estes relatos tenham em você leitor, o mesmo efeito que teve em mim: emoção, paixão, gratidão e uma vontade danada de chegar até o final.

Boa leitura!

Fowler T. Braga Filho, fundador e
coordenador do Projeto Focinhos Gelados

As autoras

Zezé Vidal- Maria José Vidal de Lima, 54 anos, casada, dois filhos, bacharela em Letras e especialista em linguística textual. Atuou na área administrativa na no início da carreira e, desde 1985, é e professora de Língua Portuguesa e Literaturas. Poetisa desde os treze anos, é protetora de animais de rua e vegetariana.

Ana Lúcia Meira- Ana Lúcia Ferreira Oliveira Meira, 30 anos, casada, um filho, veterinária, com especialização em Odontologia e cirurgia. É responsável técnica em curso técnico em veterinária e também na UAPA - União Andreense de Proteção Animal, além de diretora de saúde da associação ESPA - Equipe Singulariana de Proteção Animal. Proprietária da Clínica PetLand- Centro Médico Veterinário, é trabalhadora ativa da causa animal.

Sumário

- 1- Skipper - um sonho paulistinha
- 2- Fênix - uma lição de vida
- 3- Nina - a supermãe
- 4- Nino - o bom sequestro
- 5- Dido (Fe)dido - O PCC - Primeiro Comando Canino
- 6- Belezinha - quase uma história de amor
- 7- Dido e Flamel - uma enorme confusão
- 8- Dido e Flamel - contando uma nova história
- 9- Miguel - encontro inesperado
- 10- Sara - conhecendo a clínica
- 11- Sky - o felino perfeito
- 12- Luter - sobre três patas
- 13- Romeu - solidão fora do mercado
- 14- Argos- o pastor de ovelhas
- 15- Coli - a casa das cinco mulheres
- 16- Ulisses - não se atira pau no gato
- 17- Hércules - o transformador
- 18- Lola - o aborto
- 19- Roney - feliz reencontro na internet
- 20- Maria Eduarda (vulgo Duda) - eles não podiam esperar?
- 21- Yuka - as aparências enganam
- 22- Kelvin - enganado por uma picanha
- 23- Bonner - de olhos vermelhos
- 24- Tupã - esquecido na calçada
- 25- Lola - corra, Lola
- 26- Lord -as galinhas e o erro
- 27- Peluda - a ressurreição
- 28- Mafalda - as amarras num totem
- 29- Chocolate - uma história de amor
- 30- Dalila - a história começou assim...
- 31- Talia - o supercão
- 32- Manu - sob as luzes do Natal
- 33- Nani - confusões acontecem no banho e tosa
- 34- Sophia - a protagonista
- 35- Magrão - o aventureiro
- 36- Brenda - Eros, que não era o cupido

- 37- Sem nome - sempre fugindo na chuva
- 38- Falcão - retorno inesperado
- 39- Apolo - Milagres acontecem
- 40- Safira - quase perdida
- 41- Veluma - ela e os travestis
- 42- Dakota - partida precoce
- 43- Costela - personalidade difícil
- 44- Baby - costela com costela
- 45- Kiara - protetor ou protegido, a quem socorrer?
- 46- Stanley - distração de bêbados
- 47- Napoleão - de volta após o susto
- 48- Tomás - uma luta silenciosa
- 49- Lili - uma história triste de final feliz

1-Skipper - um sonho paulistinha

De repente, eu estava preso. Tudo estava escuro. Meu pequeno e frágil corpinho, ainda de bebê, era jogado de um lado para o outro, se bem que com certo cuidado. Podia sentir que alguém se preocupava com meu bem-estar e que não queria que me faltasse o ar lá dentro.

Não imaginava onde estava. Era um lugarzinho muito estreito, fechado e mole, parecia um saco de pano, mas não era. Eu estava enfiado no bolso de um paletó de um homem muito elegante e, sem saber, era o motivo de uma surpresa para uma menina que se julgava filha única, presa e, em seu entendimento, solitária.

Aquele não fora um bom dia para sua mãe. Pela manhã, estavam num carro novo, mãe e filha. A mãe, professora, corrigia algumas avaliações, e a filha lia um livro infantil, o qual não achava muito interessante, pois era agitada e adorava fortes emoções, aquela historinha era apenas uma antiga fábula.

Estreavam o automóvel comprado pelo pai dias antes, quando, abruptamente, um rapaz bateu no vidro e disse:

- Dona, desce que eu vou levar o carro.

Enquanto a menina não entendia nada, assustada, a mãe responde:

- Moço, pelo amor de Deus, não faça isso, sou professora!

- Não tenho nada com isso, dona, não me interessa, desce, que eu vou levar o carro.

- Moço, por favor, trabalho muito e recebo pouco, o carro não tem seguro.

- Ah! Dona, deixa de história, desce, que eu vou levar o carro.

- Moço, não é invenção, vida de professor não é fácil, olha, estou até corrigindo provas!

O rapaz começou a mudar a expressão, começou a sentir pena da mulher e disse:

- Tudo bem, dona, vou achar outro otário. Até!

A mãe pensou: até nunca mais.

O rapaz saiu, a mãe olhou pelo retrovisor, ele fez um tchauzinho e ela retribuiu.

Acalmou-se e foram para casa.

Chegando em casa, ainda meio transtornada, esbarrou num abajur que houvera ganhado como presente de casamento há anos e que adorava. O mesmo espatifou-se no chão da sala. Ela ficou ainda pior. Logo em seguida, a porta do apartamento abriu-se e o marido, que era o tal homem muito elegante, entrou e falou:

- Filhinha, veja o que o papai trouxe para você!

- O que é, papai?

- Coloque a mão, com bastante cuidado no bolso de meu paletó e pegue seu presente surpresa.

A menina pegou-me delicadamente. Seus olhos brilharam como nunca, foi amor à primeira vista e à primeira lambida.

Convém dizer que a mãe, até então, não era muito chegada a animais, e não gostou nada da surpresa.

- Hoje, pra mim chega, nunca tomei calmante, mas desta vez não dá. Ô dia fatídico, era só o que me faltava!

Tomou um forte calmante e foi para seu quarto dormir.

A família era composta por cinco pessoas, a menina, o pai a mãe e mais dois irmãos, já adultos. De modo geral, não fui muito bem recebido, a conquista definitiva de todos me custou algum tempo.

A menina era a filha caçula e tinha uma diferença de onze anos para o outro irmão, assim, sentia-se como se fosse uma filha única. Nascera num apartamento e lá vivia desde então, sentindo-se presa. Sempre adorou animais, tanto que tinha muitos de brinquedo, de pelúcia e, com eles vivia suas fantasias, conversava, brincava como se fossem seres animados.

Mas eu cheguei. Agora, ela tinha um cãozinho de verdade, um fox paulistinha, lindo, filhote a ser moldado por ela e assim o foi, ela me fez o que fui sempre.

Ela era muito ativa e alegre, eu tornei-me o mesmo. Ela me ensinou a correr pela casa, a pular, a quebrar, a morder, a enfrentar as pessoas. Apesar de não sermos heróis de cinema, éramos a dupla dinâmica.

Dizem que os animais são o reflexo do dono, pois é verdade, éramos iguaizinhos, ela adorava as minhas traquinagens e eu adorava as dela. Nossa vida juntos foi pura diversão e felicidade.

Ao estudar, na sala de jantar, com os cadernos sobre a mesa, ela batia o lápis no chão, depois na cadeira e, posteriormente, na mesa. Eu acompanhava, assim aprendi a subir em mesas. Porém, aos domingos e feriados, nas festas, o que se tinha, sobre aquela imensa mesa, não eram cadernos, eram comidas deliciosas.

Certo dia, chegou uma saborosa pizza. A mãe colocou a mesa e chamou os familiares:

- Cadê a pizza? - perguntaram ao entrar na sala de jantar.
- Estava aqui, eu a recebi e coloquei sobre a mesa - respondeu a mãe.

Olharam para o chão e viram pedacinhos de calabresa, foram seguindo até que chegaram ao meu quartinho, que ainda era o de empregada. Lá estava eu, de patinhas cruzadas em frente àquela caixa de pizza, toda desmanchada e quase vazia. Eu ainda rosnava, querendo latir que era minha.

A princípio, ficaram bravos, mas depois acabaram rindo e pedindo outra.

Eu não podia ouvir “parabéns a você” que voava por sobre a mesa e caía em cima do bolo. Adorava bolos, principalmente os recheados e bem confeitados.

Houve um fato mais grave e inusitado. Este eu não posso deixar de contar.

A menina havia visitado um ortodontista que lhe recomendara o uso de um aparelho móvel muito caro. Ela, toda vez que fazia uma refeição, o tirava e o deixava embrulhadinho num guardanapo sobre a mesa ao lado de seu prato. Certo dia, ela o esqueceu lá. Ao se lembrar, foi procurá-lo e não o encontrou. Reviraram toda a sala, perguntara à empregada, esta não o havia visto. Acusaram-na de tê-lo jogado no lixo, o mesmo já havia sido levado para a garagem, lá reviram até o lixo dos vizinhos que havia se misturado aos seus e nada. O aparelho havia sumido. Desistiram, então, da busca.

Mais tarde, bem mais tarde, a menina foi até meu quartinho. Lá estava eu, deitado, meio amuado, invocado também. Ao falar comigo, eu respondi com um rosnado, mostrando os dentes, ou melhor, mostrando o aparelho que se havia encaixado perfeitamente em meus dentes superiores, ele fora feito para mim, sob medida. Mas me incomodava, era ruim ficar com aquilo na boca, eu havia tentado tirá-lo, mas em vão, pois não consegui. Depois de muitas tentativas, eu acabei deixando que a mamãe me tirasse aquela parafernália de ferro e confesso: senti até um alívio. Como o aparelho era muito caro, levaram-no ao ortodontista que deu uma ajustada, desinfetaram-no com álcool e a menina voltou a utilizá-lo.

Além de tudo isso, aprontei muitas outras façanhas.

Íamos constantemente à praia. Lá eu ficava solto, passeava até para mais de um quilômetro e voltava. Às vezes, com um bando de animais furiosos atrás de mim. Eu entrava, o portão era fechado, aí eu latia para eles, como quem diz, “você não me pega! Você não me pega! Sou mais esperto”. Noutras vezes, deixava pelo caminho alguma cachorrinha grávida e, depois de algum tempo, meus donos ouviam a notícia: nasceram mais filhotinhos do Skipper. Eu era, definitivamente, um ótimo pegador. Naquela época, não se tinha tanta consciência da importância da castração.

Tive todas as regalias possíveis naquela casa. Boa comida, carinho, roupas de todos os tipos.

Também trouxe algumas preocupações com a saúde.

Uma vez, engoli um pedaço de osso que me fez sangrar e fui parar num veterinário que me julgou digno de uma eutanásia. Meus donos fugiram de lá me levando vivo. Graças a Deus, não deram ouvidos àquele que achava que o melhor caminho é o mais fácil. É preciso se ter responsabilidade nos diagnósticos e nas decisões que se tomam em relação a nossa saúde. Após três dias, eu já estava ótimo.

Depois de dezesseis anos como parte daquela família, tive problemas cardíacos e desenvolvi um câncer que, apesar de todos os cuidados, levou-me a visão e a vida. Tive de sofrer uma eutanásia. Custei a ir embora, o amor me segurava ao lado deles. Conquistei a todos, fiz a mãe gostar de animais, os irmãos me adoravam. Quando cheguei fui para o quarto da empregada, ao partir, dormia no quarto do casal, minha cama ficava ao lado da deles.

Quanto a minha menina, ela cresceu comigo. Ela viveu comigo todos os meus dias. Ela me ensinou o que é felicidade e o que é ser livre mesmo sendo de alguém. Tornou-se uma mulher e, hoje, é uma excelente e dedicada veterinária.

